

## **BATER NOS FILHOS NÃO É EDUCAR: ORIENTAÇÕES PARA A UTILIZAÇÃO DE PRÁTICAS ALTERNATIVAS DE DISCIPLINAR**

Coordenador: RENATO ZAMORA FLORES

**INTRODUÇÃO:** Um número crescente de países tem estabelecido as punições físicas como uma infração aos direitos da criança e um risco ao seu crescimento e desenvolvimento. No Brasil, acidentes e agressões são a principal causa de morte de crianças de 1 a 6 anos (1/4 dos óbitos). Os maus-tratos praticados contra crianças muitas vezes evidenciam o ciclo multigeracional que corresponde à reprodução da violência na adolescência e vida adulta, no âmbito familiar e no social. A violência, por sua apresentação multifacetada, exige atuação transdisciplinar e especializada para uma intervenção efetiva. **METODOLOGIA:** Análise e problematização da temática através de discussão em grupo. **OBJETIVOS:** Orientar sobre métodos alternativos de disciplinar, desestimulando o uso de qualquer forma de violência; fornecer subsídios para proteção dos direitos da criança e do adolescente, propiciando, assim, um ambiente de crescimento e desenvolvimento adequados. **RESULTADOS:** O conceito de desenvolvimento sustentável vem sendo construído no processo de discussão e prática de uma política para a humanidade. Buscamos levar ao público em geral as dimensões que englobam o conceito: \* ética e solidariedade em relação às futuras gerações, entendendo que crianças não são propriedades dos pais e devem ser especialmente protegidos de todas as formas de violência e de suas conseqüências; \* temporal, através do planejamento a longo prazo, investindo nas famílias para formar futuras gerações mais saudáveis, humanas e solidárias; \* social, pela diminuição das desigualdades, levando o conhecimento adquirido dentro da universidade à comunidade; \* prática, fornecendo alternativas concretas para educar crianças sem utilizar de qualquer forma de violência. Porque nos posicionamos contra as punições físicas? Porque a curto prazo: \* aumentam o risco de que as crianças sejam vítimas de abusos físicos, pois a tendência é a intensidade das punições aumentar a cada reincidência; \* são pouco eficazes, se o que se almeja é obter o entendimento, pela criança, do que é certo e do que é errado; \* aumentam a agressividade das crianças, que relacionam a agressão à vontade dos pais em terem seus desejos atendidos, fazendo com que ajam da mesma forma sempre que tiverem seus desejos contrariados; \* passam a idéia incorreta de que o meio adequado de se obter o que se deseja é através da violência e da força; \* determinam um relacionamento entre pais e filhos baseado no medo e não no respeito; \* aumentam a ansiedade e diminuem a confiança da criança; \* com o passar do tempo, a criança deixa de se importar,

diminuindo a única vantagem que as punições físicas apresentam: a obediência imediata. Finalmente, punições físicas podem fazer com que as crianças evitem se comportar mal diante dos pais para evitar a punição, mas não ensinam as crianças a serem responsáveis, independentes e se comportarem de modo socialmente e moralmente aceitável. A longo prazo, aumenta a probabilidade de a criança tornar-se um adulto: \* com comportamentos anti-sociais, agressivos e criminais; \* vítima de abusos físicos por parte do parceiro ou agressor de filhos e parceiros, pois estabelece que a violência física nos relacionamentos afetivos é aceitável; \* com baixo autocontrole, aumentando a probabilidade de delinquência. São alternativas às punições físicas: 1. Conte até 10: diga "O que você fez me deixou muito bravo. Falaremos sobre isso mais tarde", dando tempo não só a você para pensar no que e como dizer, como à criança, para pensar no que fez de errado. 2. Seja positivo: não diga "Será que eu tenho sempre que mandar você tomar banho?", mas "Por que você não vai tomar banho para que possamos assistir ao desenho juntos?", deixando claro que isso só ocorrerá quando ela tiver tomado banho. 3. Estabeleça regras e conseqüências: utilize regras apropriadas para a idade da criança e explique as conseqüências do não cumprimento. Ex: enquanto não fizer o tema, não verá tv. 4. Ensine-a a assumir as conseqüências: errar é humano. Explique que os erros devem ser corrigidos, incentive-a a desculpar-se e fazer algo para compensar. Surrá-la ensinaria a não repetir o erro, mas também a esconder erros futuros, mentir, culpar os outros e evitar ser pega novamente. 5. Critique a ação, não a criança: incentive-a a agir corretamente, ao invés de utilizar rótulos de "burra", "porca", "mal-educada". 6. Encoraje e recompense o bom comportamento: diga a ela o quanto você ficou feliz por ela ter feito o que você pediu, mas evite presentes ou dinheiro como compensação: o bom comportamento não é matéria de negociação. Ensine-a a agir corretamente para seu bem, orgulho dos pais ou, simplesmente, porque é adequado fazê-lo. 7. Dê explicações, não faça ameaças: se você explicar porque ela deve fazer o que você quer que ela faça, estará dando razões para que ela se comporte. 8. dê bons exemplos: não espere que a criança queira aprender a ler se ela nunca viu os pais lendo um livro; se você utiliza "obrigado" e "por favor", será mais provável que ela o faça. 9. Negocie: avise que ela pode ver tv por mais 10 minutos antes de desligar. Deixe que ela se programe para encerrar o que está fazendo, mostrando que você entende que é importante para ela, mas tem limite. 10. Dê opções: se ela implica com a comida, pergunte "Você quer cenoura ou brócolis?" ao invés de "Você quer brócolis?", cuja resposta provável é "Não". Você estará demonstrando que a opinião da criança é levada em consideração, mas comer legumes não é negociável. 11. Seja amável, mas firme: agache-se para ficar na altura da criança, faça contato visual, toque-a

gentilmente e fale calmamente, de forma direta, o que você espera que ela faça. É mais provável que ela o ouça do que se você gritar. 12. Destine um tempo somente para ela: crianças precisam de atenção. Se a única forma de ela obtê-la é comportando-se mal, é isso que ela fará. 13. Use quadros para incentivar o bom comportamento: atividades diárias cumpridas corretamente e sem brigas merecem um ponto para aquele dia. Se ao final de semana ela tiver atingido o valor acordado de pontos, compense-a com um passeio no parque, fazendo brigadeiro, etc. Se o mau comportamento persistir, outras alternativas podem ser utilizadas: 1. Time-out: sente a criança na "cadeira do pensamento" (sempre a mesma, no mesmo lugar, longe da tv ou brinquedos) por um número de minutos igual a sua idade. Diga que ela deve ficar ali para pensar no que fez. Após, converse com ela sobre o que ela pensa ser a razão do castigo. 2. Proíba algo do qual ela goste por um tempo determinado: como jogar futebol na rua. O tempo deve ser compatível com a gravidade da ação. 3. Abraço de urso: sente-se no chão com a criança, aproxime-a de costas contra o peito, prenda suas pernas com as suas e os braços com suas mãos. Imobilize-a até que ela canse de se debater e relaxe. Só então faça contato visual e explique a razão. Faça isso sempre que ela morder, chutar ou agredir outras crianças. A sua presença demonstra que você a ama, mas o não contato visual e a imobilização são a punição pelo mau comportamento. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O trabalho visa à interrupção do ciclo de violência e a aquisição dos princípios éticos da sustentabilidade: direitos humanos, responsabilidade, igualdade entre gerações, solidariedade, justiça, democracia, liberdade de expressão e tolerância. A criação de filhos deve ser entendida como um investimento a longo prazo que requer responsabilidade e compromisso na formação da cidadania.